

## Tecendo os fios da existência: uma proposta de trabalho com a infância a partir da teoria de Winnicott. O caso João

*Weaving the thread of existence: a working proposal with childhood from Winnicott's theory. John's case*

*Tisser le fil de l'existence: une proposition de travail avec l'enfance à partir de la théorie de Winnicott. Cas de Jean*

Nadja Nara Barbosa Pinheiro  
Universidade Federal do Paraná  
nadjanbp@hotmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-2927-6177>

### RESUMO

O pedido de supervisão clínica para o atendimento de uma criança em ambiente escolar foi o disparador das reflexões apresentadas no artigo. Partindo da perspectiva alicerçada por Winnicott sobre o desenvolvimento emocional primitivo, este artigo inicia questionando os efeitos da fragmentação dos planos da existência pessoal perpetrados pelas políticas públicas no trato das questões relativas à infância. Em seguida, apresenta a função positiva da agressividade no processo de construção da subjetividade para indicar que reside na proposição de estratégias conjuntas, impetradas por distintos atores institucionais, a possibilidade da manutenção da esperança na infância e no viver em comunidade. Finaliza propondo que, enquanto as mudanças estruturais, políticas e sociais não ocorrem, o desenvolvimento de atendimentos psicoterapêuticos apresenta uma rica possibilidade de lidar com o sofrimento emocional infantil ao permitir a integração de experiências e vivências que vão tecendo o fluxo de cada existência.

**Palavras-chave:** Infância. Agressividade. Espaço potencial. Integração. Winnicott.

### ABSTRACT

*The request for clinical supervision for the development of a child's psychotherapy in a school environment was the trigger for the reflections presented in the paper. Starting from the perspective founded by Winnicott on primitive emotional development, it begins by questioning the effects of the fragmentation of personal existence fields perpetrated by public policies in dealing with issues related to childhood. Then, it presents the positive role of aggressiveness in the process of subjectivity construction to indicate that the possibility of maintaining hope in childhood and living in community lies in the proposition of joint strategies brought by different institutional actors. The paper concludes by proposing that, while structural, political, and social changes do not occur, the development of psychotherapeutic care presents a rich possibility of dealing with childhood emotional suffering by allowing the integration of experiences that weave the flow of each existence.*

**Keywords:** *Childhood. Aggressiveness. Integration. Psychotherapy. Winnicott.*

## RÉSUMÉ

*La demande de supervision clinique pour le développement de une psychothérapie pour l'enfant en milieu scolaire, a été le déclencheur des réflexions présentées dans cet article. Partant de la perspective fondée par Winnicott sur le développement émotionnel primitif, l'article commence par s'interroger sur les effets de la fragmentation des champs de la existence personnelle perpétrés par les politiques publiques face aux enjeux liés à l'enfance. Ensuite, il présente le rôle positif de l'agressivité dans le processus de construction de la subjectivité pour indiquer que la possibilité de maintenir l'espoir dans l'enfance et de le vivre en communauté réside dans la proposition de stratégies conjointes portées par différents acteurs institutionnels. L'article conclut en proposant que, si les changements structurels, politiques et sociaux ne se produisent pas, le développement des soins psychothérapeutiques offre une riche possibilité de faire face à la souffrance émotionnelle de l'enfance en permettant l'intégration des expériences qui tissent le flux de chaque existence.*

**Mots-clé:** *Enfance. Agressivité. Intégration. Psychothérapie. Winnicott.*

## Introdução

Quando iniciei a escritura desse artigo, há alguns meses, a pandemia da Covid-19 ainda não havia chegado ao mundo. A partir de dezembro de 2019, no entanto, começou-se a perceber a grandeza da ameaça que estava sendo espalhada por todos os continentes habitados. Rapidamente, todos nós tivemos que nos adaptar a novos modos de vida. Por um lado, o distanciamento social, como estratégia para a diminuição da taxa de contágio, foi imposto em quase todas as cidades. Certamente, tal estratégia trouxe êxito no que se propunha. No entanto, comércio, indústrias, escritórios, escolas e universidades fechadas mostraram que também houve perdas. Perdas essas que se apresentam de forma gritante no mercado de trabalho, posto que o número de demissões se tornou altíssimo e em cascata. Houve, também, perdas no campo afetivo, uma vez que, isoladas em suas casas, as famílias e os amigos passaram a se encontrar via tecnologia, com uma frequência menor e sem contato direto. No campo do ensino e da aprendizagem, as consequências ainda são imprevisíveis, pois, sabemos o quanto o bem-estar emocional é importante para que os alunos possam apreender os conteúdos que lhe são transmitidos por seus professores. Por outro lado, a paralisação das aulas que se estende, por tempo indeterminado, poderá provocar um retrocesso no que já fora aprendido e uma dificuldade em retomar do ponto que se parou.

Temos, então, todos nós, um enorme desafio a ser enfrentado. Sem bússola e compasso que nos oriente, teremos que encontrar formas de retomar o eixo da vida

cotidiana, principalmente naquilo que nos compete como professores, promovendo reflexões sobre como poderemos auxiliar as crianças e jovens em seu amadurecimento acadêmico quando tudo voltar ao “normal”. Nesse sentido, as questões são tantas e tão importantes que, por um momento, duvidei que as reflexões que produzi abaixo fossem pertinentes. Elas foram elaboradas em um outro momento histórico no qual nada disso ainda estava ocorrendo. Em um segundo pensamento, no entanto, creio que se necessitamos produzir reflexões sobre as incertezas do futuro. Nesse processo, as cogitações que alcançamos no passado são extremamente valorosas, já que nos informam caminhos a seguir, pontos a serem debatidos, perspectivas a serem confrontadas, saídas a serem vislumbradas. Assim, mantive a minha primeira proposição de trazer a público uma experiência profissional que pude desenvolver há nove anos. Minha intenção é que ela nos ajude a melhor entender e a criar formas efetivas de lidar com o sofrimento emocional infantil. Um tema difícil, triste e revoltante, mas que, com certeza, não findará com a pandemia. Quem sabe, só aumentará.

Destarte, gostaria de iniciar minha contribuição construindo uma cena. Apreciaria, igualmente, que os leitores se esforçassem para visualizá-la em suas mentes: o pátio de uma escola na periferia de uma grande cidade; várias crianças muito assustadas; quatro professoras sem saberem o que fazer. E, um menino de 10 anos, magrinho, sozinho, encurralado em um canto, fora de si, chorando, se debatendo, chutando, xingando, desferindo socos e pontapés em todos que se aproximam, segurando, desesperadamente, um objeto em suas mãos. A cena não é aleatória. João é apenas um triste exemplo do que ocorre, diariamente, em nossas escolas e, simbolicamente, representa a violência que perpassa nosso cotidiano, não apenas escolar, mas comunitário.

Meu contato com a história de João se deu por meio de uma ex-aluna algum tempo após ter se graduado em psicologia e ser aprovada em um concurso público para trabalhar em um município na área metropolitana de um grande centro urbano. Ao ser admitida em seu cargo, Andréa foi designada para assumir um posto na área da saúde, fazendo parte de uma rede de assistência a escolas fundamentais e médias. Entre suas atribuições, ela deveria ser responsável por algumas escolas da região, de forma a exercer várias e distintas atividades profissionais tais como psicodiagnóstico em crianças que apresentavam problemas de aprendizagens os quais subsidiavam encaminhamentos, por exemplo, sala de aprendizagem especiais, consulta médica (neurologistas, clínicos gerais ou psiquiatras infantis) ou acompanhamento psicológico. Nesse último caso, o trabalho

psicológico ficava a seu encargo. Além disso, ela deveria oferecer aos professores um lugar de escuta clínica para que eles pudessem contar com um psicólogo no alívio de seus sofrimentos e dores cotidianas. Se não fosse o bastante, ela deveria, também, propor atividades que permitissem um melhor andamento institucional do ambiente escolar. Ou seja, em suas atribuições, Andréa deveria se dedicar à psicologia institucional, terapêutica e diagnóstica. Diante de tamanha tarefa, como poderia dar conta criativamente disso tudo?

Em um certo momento, Andréa me procura em busca de supervisão. Entendi sua atitude como um pedido de ajuda na organização e sustentação de um trabalho que tange, no meu entender, ao impossível.

Em todos os anos que trabalhei com a clínica, quer em meu consultório particular, quer em ambulatório hospitalar ou como supervisora de estágios curriculares em uma universidade, jamais imaginei que seria humanamente possível atender um número de pacientes tão grande e com queixas e demandas tão diferenciadas entre si. Isto é, como um profissional, pode se especializar em um ofício se dele se exige tarefas tão distintas? Desenvolver atendimentos clínicos com crianças e com adultos, executar psicodiagnóstico e trabalhar com a psicologia institucional são campos da psicologia que, embora se margeiem e interceptem, não são em absoluto idênticos e necessitam ser tomados e encarados em suas especificidades próprias. De outra forma, acredito, estaremos, cada um de nós, como João: encurralados e ameaçados, nos debatendo sozinhos contra nossos infortúnios. Igualmente tenho certeza de que no âmbito educacional, a escassez é tanta e o fardo é tão grande que qualquer profissional que venha a atuar nessa seara terá, em seus ombros, o desafio de transformar o caos em possibilidades de criação em um cenário normalmente aterrador. Hoje, depois de 10 meses de pandemia, ousou afirmar que todos nós tivemos de ser sobreviventes, tivemos o momento de desespero, o momento de levantar, o momento de tecer redes de sustentação muitas vezes onde não sabíamos quem encontraríamos para tanto, o momento de recriar-se das cinzas e o momento de desejar o fim de tudo isso. Devido ao fato de sabermos que, depois do fim da pandemia, teremos de lidar com a volta ao presencial, mas como isso acontecerá? Será um fardo? Será um alívio? Será um novo que se apresenta desafiando-nos a sermos mais uma vez resilientes e depois, de novo, inventivos, criativos?

Por perceber que Andréa carregava consigo um fardo grande e pesado, aceitei o desafio que ela estava me propondo, aceitei tecer redes de apoio, destacando que minha colaboração poderia se dar sobre o plano de trabalho, na psicologia, que venho me

dedicando há alguns anos: a experiência da clínica, a partir da psicanálise. Nesse sentido, deixaríamos de lado a psicologia institucional e diagnóstica para nos dedicarmos à construção de um espaço de escuta para o pequeno João no ambiente escolar, apostando nas possibilidades que um vínculo estabelecido (se o fosse) traria benefícios para o processo de vida dessa criança.

Assim, as proposições que apresentarei, nesse artigo, dizem respeito às considerações que pude fazer a partir de um trabalho de supervisão de uma experiência clínica. Partindo dela, aproveito a presente oportunidade para trazer à discussão alguns aspectos da difícil tarefa de lidarmos, no cotidiano escolar, com a agressividade de alguns alunos e, em alguns momentos, seus desdobramentos violentos. Minha intenção não será a de apontar soluções, mas apenas manter a esperança que seja possível vislumbrar possibilidades de caminhos a serem percorridos. Para tal, me basearei na teoria alicerçada pelo psicanalista inglês D. W. Winnicott sobre o processo de desenvolvimento emocional infantil, no qual o autor destaca a função positiva da agressividade. A esse respeito, segundo sua perspectiva, a agressividade é ponto de partida necessário à produção da integração egóica que nos oferta a sensação de sermos um ser único e diferenciado dos demais semelhantes. Para que esse movimento se concretize a contento, nos alerta o autor, faz-se necessário que o impulso agressivo primitivo, ao ser endereçado ao mundo externo, seja acolhido, contornado e erotizado por aqueles que se dedicam aos cuidados do recém nato e da criança. Dessa forma, em sua opinião, os desdobramentos desse processo arcaico fundam os matizes agressivos: das possibilidades criativas à violência desmedida.

Sobre essa proposta teórica, eu e Andréa sustentamos nosso trabalho com João. Dele destacarei alguns aspectos que me parecem importantes na tentativa de conduzir alternativas à agressividade que cria o mundo para que ela não se transforme no exercício de atitudes violentas de forma desmesurada e, aparentemente, sem sentido.

Acrescento que, embora tal experiência se situe sobre o campo da psicologia clínica, ela se interpenetra e dialoga com o campo da educação. Minha intenção ao apresentá-la é a de contribuir para que o cotidiano de professores se torne um pouco mais compreensível e manejável, na medida em que propõe um trabalho conjunto, tecido por diversos atores que compõem a cena escolar. Nesse sentido, destaco que especialistas da educação encontram na teoria psicanalítica aportes teóricos e clínicos importantes no auxílio da compreensão dos aspectos emocionais que permeiam o processo ensino-

aprendizagem. Dentre esses estudiosos, Maia (2007) destaca a importância de entendermos que a agressividade, tanto na vida cotidiana quanto na sala de aula, geralmente significa uma solicitação de ajuda para o aplacamento da angústia que transborda sem piedade. Nas palavras da autora: “Na explosão de raiva, da agressividade, reside um apelo de socorro e uma esperança de que essa explosão comunique algo para além do incômodo que causa” (MAIA, 2007, p.29). Nessa mesma direção, Santos (2017) destaca a importância do entendimento winnicottiano sobre agressividade para o exercício do trabalho clínico com crianças que produzem desconfortos e dificuldades em seus ambientes escolares ao apresentarem comportamentos agressivos e violentos. Em sua dissertação de mestrado, a autora demonstra como trabalhar clinicamente com essas crianças auxilia o cotidiano escolar.

A interlocução do trabalho clínico psicanalítico com o ambiente escolar se apresenta igualmente destacado por autores da psicanálise que não trabalham diretamente com a perspectiva de Winnicott, demonstrando sua potencialidade e propriedade, como por exemplo, em Vasconcelos (2010) e Almeida e Nafah Neto (2019). Cada um deles, a seu modo, destaca a contribuição, tanto clínica quanto teórica, que a psicanálise é capaz de oferecer aos estudos em educação.

## O esfacelamento

Objetivando melhor compreender a situação de João, proponho que devemos levar em conta um aspecto extremamente importante nessa situação. Em minha opinião, João traz à mostra a interpenetração de inúmeros planos de nossa existência que, na contemporaneidade, foram separados entre si (FOUCAULT, 1993). Destaco os planos afetivo, educacional, médico, familiar, jurídico e social para percebermos como cada um deles se desenvolve, na vida de João, em dimensões paralelas que não se tocam, e, ao não se tocarem, permitem e mantêm a dismorfia emocional de João de forma intensa.

No plano afetivo, João se apresenta como extremamente agressivo, disruptivo, intempestivo, hiperativo e impulsivo. Frequentemente, resolve suas diferenças com os amiguinhos e professores por meio de socos, pontapés, destruição de objetos, de uma forma tão intensa que chega a machucar severamente alguns colegas e a si próprio. Tais explosões são tão súbitas e extemporâneas que oferecem a impressão de que João esteja “com o diabo no corpo”, isto é, parece que ele foi tomado por uma fúria que não faz parte dele mesmo. O interessante é que, quando esse estado afetivo transtornado se esvai e ele

“volta a si”, fica-se com a impressão de que esses momentos disruptivos não fazem parte integrante de sua vida. João não se recorda do que fez, não sabe por que o fez, não liga tais vivências ao fluxo contínuo de sua existência. Agressividade, violência, dissociação, intolerância, desrespeito aos semelhantes, autoagressão se enlaçam e se implicam nas tentativas desesperadas de João se organizar, se entender e se fazer entender pelo ambiente ao seu redor.

No plano educacional, esses ataques de João trazem desorganização e tumulto para a sala de aula, para o pátio da escola, para o recreio, para sua aprendizagem e de seus colegas. Diante de sua fúria, as professoras não sabem o que fazer, os colegas se assustam e se afastam, outros o tomam como modelo e o imitam. A tarefa de dar conta de todas essas manifestações em uma sala de aula escapa à possibilidade das professoras, que se sentem cansadas, acuadas, desrespeitadas, isoladas, sozinhas e desamparadas diante de tanta violência e agressividade. Sem manejo da situação (que me parece não ser apenas de suas responsabilidades) tentam afastar João. Quem sabe o trocando de escola, o problema estará solucionado. Para elas, talvez sim, para João, certamente não.

No plano médico, João foi diagnosticado como potencialmente psicótico e medicado por um psiquiatra do posto de saúde que esteve com ele apenas uma vez, que não tem como obter maiores e mais precisas informações sobre seu quadro clínico, que não sabe se o tratamento será seguido ou não, que não pode se responsabilizar por seus cuidados de uma forma mais intensa. Por seu turno, João fica à mercê da vontade de sua mãe, que não gosta de psiquiatras, que dá o remédio para ele somente quando ela deseja e que se recusa a levá-lo para um Centro de atenção Psicossocial infantil (CAPS-I) onde poderia receber um tratamento regular.

No plano familiar, encontramos uma família desconstruída, desorganizada, um pai que já se afastou, um padrasto que não comparece quando é chamado na escola. Uma mãe que teve uma infância desamparada e reproduz tal situação na criação de seus filhos, cada um de homens diferentes, alguns entregues à avó por um tempo, retomados de volta depois, outro que não tem certeza se é seu filho, mas está cuidando dele assim mesmo. Uma mulher com empregos variados e temporários, um histórico de intervenções psiquiátricas, medicações, uso de drogas, bebida, brigas na rua, agressões, violência, desespero. Mostra-se igualmente sem saber o que fazer com João e oscila entre ficar com ele ou entregá-lo aos cuidados do Ministério Público. Afirma, diante de João, que ele já ficou um tempo no “abrigo” e que ela está “doída para ficar livre dele o mais rápido

possível de novo”. Uma fala que pronuncia em um acesso de raiva, sem controle, sem pena, sem contornos, com uma violência extrema e um potencial destrutivo que a todos assusta, amedronta, destrói. Incluindo ela própria.

No plano jurídico, as questões se desdobram sobre o que seria melhor para João. Permanecer com sua família? Ir para o abrigo? Trocar de escola apenas? A visita da assistente social em sua casa encontra um lar arrumado e asseado. Resolvem deixá-lo com a família. Resolvem igualmente, mudá-lo de escola. E, claro, a sequência não é interrompida, pois a culpa do comportamento de João não é da escola, não é dos professores, não é de seus amiguinhos, não é de ninguém... E João volta a ter o mesmo comportamento na escola nova. Há um descanso para os professores da escola antiga, descanso provisório, pois logo temos notícias de que outro aluno “tomou o lugar” de João e começa a produzir os mesmos comportamentos disruptivos. A circularidade dos acontecimentos se *re-inicia*, na escola antiga, na escola nova, na vida das crianças, dos professores antigos, dos professores novos, da família, de todos.

No plano social, João mora em uma comunidade muito carente, na qual os problemas se acumulam e se multiplicam. Há necessidade de ruas asfaltadas, escolas, hospitais, policiamento. As questões referentes às drogas, à violência, assassinatos, surras, desova de cadáveres, brigas intrafamiliares estão sempre presentes. O desemprego e o subemprego são constantes e a sensação de descaso político e social é enorme. Ou seja, o lugar em que João vive reproduz as inúmeras comunidades carentes de nosso país, as quais apresentam de uma forma bruta, ríspida, triste e cruel o valor que se dá à vida de uma parcela crescente de inúmeros brasileiros. Com esse passado e com esse presente, que futuro podemos visualizar, sonhar e desejar para eles? Para João?

Claro que inserida nesse turbilhão de problemas Andréa se desespera e me pergunta o que fazer diante do impossível: ela não pode mudar a vida da comunidade em que João vive, não pode mudar a forma como a mãe o trata, não pode mudar um passado que o atormenta, não pode mudar a escola e os profissionais que lá trabalham e que, com toda razão, já estão cansados e sem esperanças. E, por um triz, quase que fizemos como João e começamos a gritar, por angústia, por desespero, por impotência, por revolta, por medo, por desolação. Mas, em vez disso, tivemos uma outra ideia e, diante de tantos impossíveis, tentamos fazer o que nos seria possível: olhar para João e escutá-lo. E, a partir do lugar e da função que nos cabe por profissão, procurar entender o que ele estava tentando dizer com seus gritos.



Nesse percurso nós seguimos, bem de perto, um autor da psicanálise que nos é bem caro: Winnicott. Importa salientar que o psicanalista inglês tenha se dedicado, em sua carreira, não apenas ao exercício da clínica privada e a condução de processos analíticos estrito senso. Por sua formação em pediatria, trabalhou por mais de quarenta anos em um hospital geral, na área infantil. Além disso, e talvez o mais importante para nossos propósitos ao lado de João, Winnicott desenvolveu importantes trabalhos na área social. Nesse âmbito, foi designado pelo governo inglês, para ser o responsável pelo abrigo de crianças e adolescentes que perderam os pais ou precisaram ser evacuados de Londres ao longo da Segunda Guerra Mundial. Nessa empreitada, dedicou-se à tarefa de encontrar alternativas de atendimento para as crianças e adolescentes que apresentavam comportamentos conturbados e disruptivos em decorrência da dificuldade em se adequarem à nova situação. Segundo Phillips (2013), provavelmente o desenvolvimento desse trabalho tenha sido o ponto de destaque a partir do qual Winnicott tenha se dedicado à tarefa de entender as funções da agressividade na construção da subjetividade. Nesse entendimento, ele começa a perceber que a agressividade seja fundamento para o processo de desenvolvimento emocional e da integração de experiências e vivências que vão tecendo o fluxo de cada existência. Sendo que, em desdobramento ao alcance dessa sensação de unidade, a capacidade para entremear impulsos agressivos e amorosos pode ser alcançada. E, uma vez que a criança galga esse patamar emocional, ela começa a se preocupar em cuidar de si e dos outros que a cercam. Assim, partindo do fato de que a agressividade era a tônica do comportamento de João, iniciamos pelo estudo dessa teoria. Um percurso que se mostrou bastante interessante e que nos permitiu avançar em algumas reflexões importantes acerca do trabalho clínico dedicado a João.

## Da teoria à escuta clínica: possibilidades de integração

Winnicott (2005; 2014), em seus trabalhos, situa as raízes da agressividade no campo da expansão muscular, isto é, no movimento corporal motor. Movimento que se inicia antes mesmo de o bebê nascer, ainda no útero materno, e que encontra, nas paredes desse, um primeiro anteparo, um contorno inicial que vai modulando, imprimindo as primitivas possibilidades de organização e delimitação à expansão muscular. Tais contornos e movimentos se intensificam após o nascimento do bebê por meio dos cuidados maternos que vão (de)marcando e erotizando o corpo dele. Aqui, novamente e principalmente, a agressividade primária, vinculada que está aos movimentos

expansionistas e motores, se intensifica. O bebê chuta, esperneia, chora, morde o bico do seio da mãe. As respostas maternas a essas manifestações vão imprimindo um contorno à agressividade e permitindo a instauração de uma verdadeira relação. Isto é, a expansão motora (agressiva) ao encontrar um limite, um anteparo, ao encontrar sentidos múltiplos e organizadores, começa a delinear as fronteiras entre o Eu e o não Eu, entre o bebê e o ambiente, entre a interioridade e a exterioridade. Assim, um movimento de diferenciação começa a ser efetuado e a permitir o início de um processo de singularização que tece a constituição histórica do modo de cada um se relacionar consigo e com os outros. Ressalto que para Winnicott (2000), a agressividade, então, é fundamental para a construção da subjetividade, ou seja, ela é fundamento indispensável para constituição do Eu e de suas relações com os semelhantes. Da mesma forma, é fundamental também a presença do outro (mãe/ambiente) que, ao acolher a agressividade primária, que não possui em si mesma nenhuma intencionalidade destrutiva, a interpreta, a limita, a contorna. A formação do Eu, portanto, dependerá dos encontros efetivados entre a agressividade primária, entendida como potência, e as formas de acolhimento perpetradas por todos aqueles que cuidam do bebê e da criança. É desse encontro que, para Winnicott (2000), agressividade e erotização se unem na construção da subjetividade e da organização dos mundos interno e externo. Dessas organizações paulatinas o bebê vai sendo inserido no sistema de regras e leis ordenador das relações humanas

O interessante é que, para o autor, há, portanto, que haver um acolhimento da agressividade primária que ao inseri-la no campo da erotização permite que as trocas entre as pessoas sejam efetuadas e que a preocupação com o semelhante seja estabelecida. Isso significa que, paulatinamente, a partir das maneiras como os movimentos agressivos do bebê são interpretados e acolhidos por seus cuidadores, esse poderá começar a se diferenciar e poderá, posteriormente, perceber que suas ações produzem efeitos sobre os outros. A partir daí, nos informa o psicanalista, sentimentos como preocupação, atenção, cuidado, poderão ser efetivamente vivenciados e trocados, inserindo a criança no trabalho contínuo de cuidar de si mesma e dos outros, e de estabelecer suas relações de uma forma que inclua perdas e ganhos, avanços e recuos, ataques e defesas, barganhas, enfim, necessárias ao viver em comunidade.

No entanto, igualmente assinala o mesmo autor, diante da agressividade primária, caso haja uma interpretação por parte daqueles que cuidam do bebê/criança, de que esse deseje destruir, ou seja, se já se percebe aí uma intencionalidade violenta, responde-se à

essa ação com uma dose de agressividade desmesurada, ou com um afastamento afetivo, uma ausência de respostas e de contorno, permitindo, assim, que haja uma possibilidade de liberação cada vez mais acentuada do movimento de expansão motora (agressiva) que pode se transformar em violência e destruição. Isto é, nesse caso, as correntes agressivas e eróticas não se entremeiam, não se combinam e a agressividade permanece sendo utilizada de forma desmesurada e sem sentido, muitas vezes em procura de contorno, de sentido, de entendimento. Nesse sentido, para Winnicott (2005), os atos agressivos simbolizam uma busca por auxílio, mimetizam um pedido de ajuda e compreensão.

Faz-se mister destacar que na relação de João com o ambiente que o cerca, encontramos ambas as atuações, quer seja em termos coletivos quanto familiares, tal como descrevemos acima. Em todas as áreas de seu viver João se depara com fenômenos violentos e um descaso veemente de suas demandas. Acreditamos que ambas as respostas são igualmente destrutivas e arrasadoras. Não à toa, João, inscrito nesse circuito de violência sem contornos e significados, não só agride seus coleguinhas como, igualmente, agride a si mesmo, se cortando e se machucando em seus ataques de fúria, indicando, com seu gesto, que as fronteiras entre o Eu e o Outro são extremamente tênues, demonstrando, dessa maneira, que aquilo que poderia ser potência construtiva se transformara em destrutividade pura, desmesurada e sem contenção. Dessa forma, entendemos que João, em seus acessos de ira, ao machucar não só os companheiros, mas a si mesmo, tenta, por meio de seu gesto, assegurar sua existência, assegurar-se de sua potência, sempre ameaçada pela violenta desconsideração ambiental.

Nossa questão, então, se situa sobre o que poderíamos fazer nessa situação? Como oferecer a João alternativas que não o exercício pleno da violência? Em um primeiro movimento, propusemos a João que ele viesse à sala reservada aos atendimentos psicológicos na qual Andréa trabalhava, duas vezes a cada semana. Ele aceitou, mas, no início, se mostrava relutante e desconfiado. Não sabia muito bem como se comportar ou o que falar. No entanto, aos poucos, uma relação de confiança foi se estabelecendo entre ambos.

Um dia, Andréa percebeu que João levava para escola um DVD e perguntou que filme era aquele. “Jogos Mortais”, responde João. Poderia ser apenas uma coincidência? Apostamos que não. E resolvemos tomar o DVD como um ponto de partida para o trabalho com João, pois acreditamos que ele tentava, por meio do filme, dizer algo sobre as relações mortíferas nas quais se encontrava inserido. Andréa pediu a João que lhe contasse a

história do filme. João não soube fazê-lo. Nossa interpretação foi a de que, para João, a violência expressa no filme se apresentava de forma ainda desarticulada de uma história, de uma narrativa. Solta, explícita, bruta, não integrada. Tal como a violência que permeava sua própria vida. A falta de laço narrativo demonstra a concretude de um pensamento que não pode integrar subjetividade e objetividade. Do exposto acima das várias dimensões da vida de João nada se interliga, não há intersecções possíveis, já que para todos ele é um fardo fadado a não ser. O trabalho que vislumbramos poder ser feito era criar afetivamente, amorosamente, a narrativa possível para, a partir da violência da vida e do filme, outros filmes pudessem ser vistos e, quem sabe, contados e entendidos.

No encontro seguinte, Andréa trouxe um outro filme. Pediu para João levar o mesmo para casa e trazê-lo, na próxima vez que se encontrariam, destacando as partes que ele mais gostasse para que os dois pudessem, juntos, comentá-las. Ele assim o fez. Essa dinâmica se repetiu por um tempo e foi se tornando um elo entre os dois. Um elo que permitiu a troca de experiências, de dúvidas, de sugestões, de afetos, de considerações. Um elo que, em minha opinião, foi capaz de criar um espaço de transição, de comunicação entre Andréa e João no qual o que é de ambos pode ir sendo trocado, compartilhado, cuidado, trabalhado. Nesse sentido, sigo as orientações de Winnicott (1975), segundo a qual, no processo de desenvolvimento emocional seja necessário a criação de uma zona intermediária que conecta e, simultaneamente, separa, os bebês de suas mães. Em sua perspectiva, essa área de conexão/separação é fundamental para o procedimento de trocas afetivas entre as pessoas. Nomeando-a de espaço transicional, Winnicott (1975) afirma que ela se refere à uma terceira área de sobreposição entre os mundos interno e externo. Nessa área de interseção entre o Eu e os outros, as experiências de relações entre o sujeito e o mundo que o cerca acontecem de forma criativa e construtiva. Nela, as trocas afetivas são estabelecidas de forma que tanto sujeito quanto o mundo que o cerca possam ser respeitados em suas individualidades. Nela, agressividade e amorosidade se combinam assegurando o viver em coletividade.

Não à toa, se sustentando sobre as narrativas dos filmes, João alcançou falar, para alguém que o escutava, sobre morte, violência, drogas, assassinatos, agressões, os encadeando em uma narrativa. A partir desse movimento, ele, em parceria com Andréa, começou a trançar histórias, compreensões, interpretações, entendimentos. Começou a inserir a violência na cadeia de acontecimentos entre personagens distintos e perceber as consequências que os atos agressivos provocam nas pessoas e em suas vidas. Começou,

igualmente, a perceber que há formas de reparação possíveis. Com esse trabalho, abriu-se um espaço para que ele falasse sobre coleguismo, amizade, companheirismo, cuidado, amor. Não só sobre morte, mas sobre vida, enfim.

Destacamos, nesse percurso, que na criação de um espaço e de um lugar de segurança, escuta e respeito, o mesmo se tornou transicional por excelência e João pode iniciar a marcha de seu desenvolvimento emocional. Lugar no qual ele pode, enfim, sossegar e, de forma única, se expressar para alguém, podendo construir, em parceria, uma relação na qual os fios da agressividade e amorosidade foram trançados. Minha esperança e a de Andréa é a de que, com esse movimento, João pudesse encontrar sentidos diversos e diferenciados para a expansão da agressividade que modulam as suas formas de viver.

## Os impasses

Porém, tais possibilidades de transformação, no nosso entender, esbarram em dois elementos ressaltados por Winnicott (1975) como essenciais. Para o autor é imprescindível que as experiências e vivências que dão estofa à construção da subjetividade se deem em um espaço e um tempo determinados. Isto é, é necessário que haja, concretamente, a manipulação de objetos. Faz-se necessário pegá-los, mordê-los, experimentá-los, jogá-los fora, os perder e os reencontrar no campo da experiência concreta e não apenas por meio de operações mentais abstratas. Para Winnicott (1975), o mundo e o corpo existem e necessitam, para que suas inter-relações se constituam, que se esbarrem, se interpenetrem, se sobreponham, se vivenciem. E isso, como sabemos, leva tempo. Um tempo que quase nunca temos para dar aos nossos pacientes, pois eles crescem, mudam de escola, mudam de médico, mudam de espaço social (passam de crianças à adolescentes) antes mesmo que as mudanças emocionais e subjetivas possam acontecer.

De forma interessante, Andréa percebeu que tal problemática se centralizava na relação de João com um tipo específico de atividade. João se mostrava muito envolvido com as aulas de educação física e ficava nervoso e agitado quando elas não aconteciam. Os professores se exasperavam. Diziam: “João não sabe esperar, não se conforma quando as coisas não acontecem como ele deseja, não se adequa às leis e regras da escola”. Tal afirmativa me fazia pensar que ele tem esperado tanto! Esperado por alguém que o escute, por alguém que o entenda, por alguém que leve em conta seus desejos e necessidades. Na

verdade, em meu entendimento, as aulas de educação física poderiam ser tomadas como momento especial, no qual inúmeras facetas emocionais importantes lograriam ser aproveitadas por João em seu desenvolvimento. Nesse sentido, acredito que o fato de separarmos corpo e psique nos impede de percebermos que as aulas de educação física poderiam ser aproveitadas como campo e espaço de experimentação, de maturação corpórea/psíquica. Por meio delas, João talvez encontrasse espaço para explorar suas explosões musculares, somáticas, expansionistas, seu suor, seu cansaço, sua energia. Movimentos esses que são perpassados por planos afetivos, tais como, perdas, ganhos, competição, comparação, frustração, coleguismo e contornados por regras, normas, leis que organizam a experiência esportiva e relacional. Nesse sentido, proponho entender a aula de educação física, o jogo no pátio, o futebol na quadra, como espaços de convivência, corporal, afetiva, social. Mas, no momento que a aula de educação física não acontece, João se angustia, como um bebê que tem fome e o leite não vem, que tem medo e o aconchego falta. Assim, João responde chorando, esperneando, chutando e, como já não é mais um bebê, xingando e batendo. Descompassos entre planos da experiência subjetiva também se repetem aqui.

E a pergunta que me norteava se concentra, igualmente, em como fazer para que todos os planos que compõem sua existência se encontrem? Como oferecer a João modos de tessitura para esses fios desconexos, no tempo e no espaço que forem necessários? Essa me parece ser a tarefa a ser enfrentada, não apenas por Andréa, mas por todos que lidam com João.

No entanto, o fato de sabermos que a edificação de um plano conjunto se apresenta como extremamente difícil, destaco aqui a importância do trabalho clínico. Pois, acredito que a nossa proposta em oferecer a João um local no qual, por meio dos filmes, ele pudesse falar sobre suas dores, dúvidas, desejos e esperanças. Se esse movimento permitiu que João tenha angariado tecer os fios destrançados de forma a unir os planos de sua existência que estavam, à época, separados, não sei. Porém, algo posso afirmar, sem duvidar: por alguns minutos, em suas sessões, ele encontrou formas de se relacionar consigo e com Andréa pautadas no respeito pela alteridade e pela diferença. E isso, para mim, faz toda diferença.

## Concluindo

Iniciei minhas argumentações partindo do ano de 2020 e voltando a um outro tempo, anterior à pandemia, 2011, tomando como ponto de partida uma situação que, infelizmente, é bastante frequente no cotidiano escolar: crianças que apresentam comportamentos agressivos e violentos os quais perturbam e desorganizam aqueles que compartilham esse ambiente. A partir dessa situação, corriqueira tanto nas escolas como na sociedade, propus entender a função da agressividade para a construção da subjetividade e da possibilidade de criação a partir da teoria edificada por Winnicott sobre o processo de desenvolvimento emocional infantil. Por meio dessa, pude indicar que a agressividade é motor fundamental na dinamização dos processos psíquicos primitivos. Não obstante, destaquei que, para que essa função primordial seja exercida a contento, a criança deve contar com o auxílio de seus cuidadores. Esses últimos, ao receberem os movimentos agressivos do bebê podem contorná-los e inseri-los no campo das relações amorosas e sociais. Nesse fluxo, as vivências e experiências infantis vão se interligando e ganhando sentidos e significados próprios a partir dos quais o viver em coletividade se torna possível e satisfatório.

Destaquei, igualmente, que em algumas situações esse processo se torna dificultado e muitas vezes doloroso. Nessa acepção, a história de João demonstra, de forma marcante, os desdobramentos afetivos dos entraves ao desenvolvimento emocional perpetrados pelo ambiente circundante. Entraves que se aprofundam sobretudo pelo fato de que, na contemporaneidade, os planos da existência tenham se divorciado um dos outros de tal forma que cada área singular da vida permanece afastada e relegada a intenções díspares. Assim, agimos como se fosse possível separar saúde, educação, trabalho, vida coletiva. Em minha opinião, esse agir político produz como consequência vidas relegadas ao infortúnio e ao descaso, posto que os agentes sociais que cuidam da infância produzem ações independentes sem promoverem a construção de um projeto coletivo. Dessa maneira, cada esfera social procura resolver seus problemas sem levar em conta a necessidade de implementarem uma ação conjunta. Professores, médicos, agentes sociais, trabalham em isolamento encaminhando suas ações ao esvaziamento e às sensações de impotência e paralisção. Nesse cenário, como esperar que as crianças possam se desenvolver plenamente?

Nesse sentido, acredito que João seja uma entre as inúmeras crianças que tomam para si a tarefa de explicitar esse descompasso, expondo-o aos olhos de todos. No meu

entender, porque, diferentemente de nós, eles ainda possuem esperanças de que algo possa ser modificado, como nos informa Maia (2007). Por nosso turno, nos sentindo incapazes de produzir mudanças estruturais, preferimos situar a culpa pela situação em João ou em sua mãe, ou em seus professores, ou em seus psicólogos, ou nos psiquiatras, ou na escola, ou quem sabe nos políticos, ou no Estado, ou na vida, ou no universo... ou... ou... Em uma vã tentativa de nos tranquilizarmos.

No entanto, percebo que, rapidamente, essa estratégia fracassa e nós nos defrontamos com nossa própria angústia diante da nossa impotência frente à ferida exposta pelas “crianças/joão”. E dói imaginar que daqui a alguns anos, João, provavelmente, será apenas mais um número a compor os quadros estatísticos do Brasil como mais um entre os milhares de jovens brasileiros que morrem à margem e à míngua, sem presente, sem futuro, sem esperança.

Ciente de que a mudança deva ser coletiva e estrutural, percebo, igualmente, que ela demanda tempo. Um tempo longo demais para as crianças que sofrem suas consequências, hoje. Destarte, propus a abertura de um trabalho psicoterapêutico como alternativa para lidar com o sofrimento emocional infantil, no tempo presente. Por meio dele, em minha opinião, podemos alcançar, como o caso de João me autoriza a afirmar, uma forma concreta de trançar o fio da existência que se mostram desconectados entre si em prol da fabricação de uma sensação de integridade pessoal, como a proposta de Santos (2017) nos permite ratificar. Para João, especificamente, logrando inserir os eventos de sua vida em uma narrativa histórica e significativa, tornou-se possível minimizar seu sofrimento que se expressava, sobretudo, por meio de atitudes violentas. Nesse sentido, a possibilidade de encontrar espaços de interlocução entre a psicologia clínica e o trabalho cotidiano nas escolas se mostra como ferramenta importante e imprescindível na formação de nossas crianças e jovens.

À vista disso, se iniciei meus argumentos construindo uma cena escolar, gostaria de finalizar enunciando os versos de uma poesia a qual sou constantemente remetida quando penso em nossas “crianças/joão”:

“Desde criança ele fora prometido para ser lata.  
Mas era merecido de águas, de pedras, de árvores, de pássaros.  
Por isso quase alcançou ser mago” (BARROS, 2001, p. 45).



## Referências

ALMEIDA, Alexandre Patrício de; NAFFAH NETO, Alfredo. Psicanálise e educação escolar: ressonâncias de Sándor Ferenczi para uma pedagogia do cuidado. **Estilos da Clínica**, São Paulo, 24, 2, 262-275, agosto/2019. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i2p262-275>. Acesso em 11 de maio de 2021.

BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 1993.

MAIA, Maria Vitoria Campos Mamede. **Rios sem discurso: reflexões sobre a agressividade da infância na contemporaneidade**. São Paulo: Vetor, 2007.

PHILLIPS, Adam. **Winnicott**. São Paulo: Ideias e Letras, 2013.

SANTOS, Simoni Hollanda dos. **Agressividade: da desconstrução dos vínculos afetivos à presença de sobrevivência, um caminho winnicottiano de retorno a Freud**. Orientador: Nadja Nara Barbosa Pinheiro. 113. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

VASCONCELOS, Maria Aparecida Marques. A dimensão do fracasso escolar na vertente da clínica psicanalítica: o caso do pequeno Roberto. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, 4, 2, 238-242, julho/2010. Disponível em [https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume4\\_n2/vasconcelos.pdf](https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume4_n2/vasconcelos.pdf). Acesso em 11 de maio de 2021.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, Donald Woods. **Da Pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, Donald Woods. **La nature humaine**. Paris: Gallimard, 2014.

**Revisores de línguas e ABNT:** *Letícia Carol Gonçalves Weis*

**Submetido em 30/07/2020**

**Aprovado em 05/02/2021**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)